

Living

VOGUE



NOVO PROPÓSITO

Há cinco anos, o documentarista paulistano Henry Daniel Aji se apaixonava por um pedaço de terra na Patagônia chilena, para onde se mudou com a família. Aqui, ele conta como comanda a PATA, um empreendimento que reúne hotéis e casas da região, com um modelo econômico único, baseado num modo de vida totalmente sustentável



Sede da fazenda PATA, onde os moradores e hóspedes se encontram para as refeições, em clique de Layla Motta

Como documentarista, rodei o planeta. Filmei as maiores manadas de elefantes do mundo em Botsuana, testemunhei a guerra civil que está destruindo o coração da África e cruzei a pé a passagem de Khyber, entre o Paquistão e o Afeganistão, em busca de pistas de Bin Laden.

Foram 15 anos nos quais conheci lugares e pessoas incríveis. O mundo se tornou a minha casa. Mas restava sempre uma frustração: por mais que mergulhasse fundo em reportagens que considerava tão relevantes para o público, elas se transformavam em entretenimento. Em vez de documentar uma história, queria fazer história.

Existem visões que podem mudar uma vida - e eu tive a minha, na curva de uma estradinha íngreme na Patagônia chilena. A passagem de cascalho avançava entre bosques de árvores de troncos imensos e vegetação densa. O azul-turquesa do rio Futaleufu saindo do Cânion do Inferno contornava uma península dominada por bosques patagônicos e pradarias levemente onduladas. As montanhas ao redor eram brancas e eternas. Passar por ali foi como uma viagem no tempo. Eu e minha mulher, Tatiana, descemos até a praia, às margens do Fu, como o rio é

carinhosamente conhecido, e decidimos que viveríamos na Patagônia, mesmo sem saber se aquela fazenda abandonada estava à venda ou qual seria o preço da terra. E havia, ainda, outra questão: como ganharíamos a vida naquele lugar isolado, ainda mais com um filho de 1 ano no colo? Em menos de seis meses estávamos morando no local, e a fazenda da curva do rio era nossa. Nos anos seguintes, tivemos mais dois filhos, ambos nascidos lá.

No começo do projeto que batizamos de PATA, tínhamos alguns ingredientes na mão: uma terra selvagem, a convicção de que podíamos e devíamos habitar o planeta sem destruí-lo e a necessidade de criar um modelo de negócio que gerasse renda e, ao mesmo tempo, potencializasse a preservação do solo e da água. Foi assim que demos início às chamadas *smart villages* em fazendas que restauramos e tornamos produtivas, onde famílias podem viver e se encontrar, trabalhar e cuidar da terra. Geraamos a nossa própria energia e exercitamos o consumo moderado da luz e dos recursos naturais. Produzimos comida, orgânica e deliciosa - a demanda por alimentos de qualidade incentiva o cultivo de frutas e vegetais e o pastoreio de ovelhas, desenhando um modelo de economia circular.



Colheita de framboesas orgânicas e, acima, granola feita no local

FOTOS: J.R. DURAN/ARQUIVO VOGUE; LAYLA MOTTA E DIVULGAÇÃO



Ao lado, interior da cabana La Zeta na PATA Lodge, e abaixo, vista aérea das cabanas na Fazenda PATA Rio Futaleufu



Em pouco tempo, surgiu a necessidade de uma escola e, então, criamos a nossa, onde o vento, o rio, o bosque e a horta são os “mestres”, e o professor é um facilitador do aprendizado. No centro de estudos que inauguramos dentro da fazenda PATA Rio Futaleufu, organizamos cursos de ioga e meditação, convidamos médicos, educadores e cientistas do mundo todo para workshops.

A PATA atua em três atividades econômicas complementares e essenciais ao seu conceito global: mercado imobiliário, hospedagem e agricultura orgânica. Dentro das fazendas existem lotes de 10 mil m², onde os novos proprietários estão construindo casas em meio a plantações de framboesas e blueberries com vista para a Cordilheira dos Andes. Os visitantes ficam hospedados no PATA Lodge, um complexo de sete cabanas rústicas inspiradas na arquitetura de galpões patagônicos tradicionais, mas com linhas modernas e muito conforto.

O nosso sonho se tornou o de muita gente: famílias que se mudaram para lá e se tornaram nossas vizinhas, amigas e parceiras de trabalho, com todas unidas pelo desejo de viver e cuidar da Patagônia. Entre essas pessoas está o arquiteto e designer Carlos Motta, que chegou a Futaleufu em 2014, quando finalizávamos as cabanas do Lodge, carregando colchões e móveis na cabeça. Era a primeira vez que a fazenda seria “habitada” - nunca havíamos testado o sistema de água, luz e aquecimento e estávamos recebendo mais de 20 pessoas para o Ano-Novo. Milagrosamente, tudo funcionou bem, e tivemos dias inesquecíveis em frente a um dos rios mais espetaculares da Patagônia. Desde então, Carlos se envolveu na PATA, primeiro como conselheiro, depois como vizinho. Hoje é possível construir uma casa com projeto assinado por ele na fazenda PATA Rio Azul.

Trabalhamos na conservação e restauração de quase mil hectares na Patagônia chilena e temos a consciência do privilégio que é sermos guardiões de rios e suas nascentes, bosques nativos e fauna tão diversificada. Nosso objetivo não é crescer e sim fortalecer um conceito fundamental: habitar respeitosamente um dos lugares mais belos do planeta, trazendo educação e cultura para nossas famílias e para a comunidade que nos cerca. PATA: www.pata.cl

A PATA atua em três atividades econômicas complementares e essenciais ao seu conceito global: mercado imobiliário, hospedagem e agricultura orgânica



Crianças brincam na frente da cabana Mundaka, na PATA Lodge